

DISCURSOS E MECANISMOS DE PODER GERADORES DE HOMOFOBIA NAS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE LGBT E INSTITUIÇÕES SOCIAIS

João Elton de Jesus*

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de verificar os discursos e mecanismos de poder geradores de homofobia na relação entre a juventude LGBT e as instituições sociais consideradas tradicionais como a escola, a família e a Igreja onde verifica-se uma forte presença da homofobia. Diante da situação de preconceito e opressão, observa-se uma maior organização dos movimentos e indivíduos LGBTs na busca de respeito, reconhecimento e acesso a direitos. Essas ações se dão nas mais diversas formas, seja na apropriação de espaços públicos, da maior visibilidade nos meios de comunicação ou por meio de políticas públicas que garantam os direitos das pessoas não heterossexuais.

Palavras-chave: Mecanismos de poder, juventude, homossexualidade, sociedade, homofobia

SPEECHES AND MECHANISMS OF POWER GENERATORS OF HOMOPHOBIA IN RELATIONSHIPS BETWEEN LGBT YOUTH AND SOCIAL INSTITUTIONS

Abstract: This work aims to verify the discourses and power mechanisms that generate homophobia in the relationship between LGBT youth and social institutions which are considered traditional as school, church and family, where exists a homophobia strong presence. In the face of prejudice and oppression situation, it is observed the rising of organization of movements and LGBT individuals for more Respect, recognition and access Rights. These actions happened in various shapes whether in the appropriation of commons spaces, in the greater media visibility or through public policies that guarantee the rights of persons non-heterosexuals.

Keywords: Mechanisms of Power, Youth, Homosexuality , Society, Homophobia.

INTRODUÇÃO

* Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelas Faculdades Anhanguera. Graduado em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Teologia – FAJE e Especialista em Juventude e Mundo Contemporâneo pela FAJE. Participou de Iniciação à Pesquisa Científica promovida pela FAJE / Fapemig e Participa do Grupo de Pesquisa Filosofia do corpo a partir da Fenomenologia e do pensamento analítico arquegenealógico da FAJE/CNPQ. E-mail: joao.elt@gmail.com

A juventude está para além de uma concepção essencialista, uma estratificação etária ou uma definição naturalizada, homogênea e estática. O ser jovem não pode ser reduzido a uma conceituação estritamente psicológica, fisiológica ou desvinculada da cultura e do contexto ao qual está inserido.

Desta forma, a juventude pode ser denominada por aquilo que a sociologia chama de categoria social. Trata-se de uma “representação simbólica e situações sociais com suas próprias formas e conteúdo que tem importante influência na sociedade moderna”¹²³

Os jovens são condicionados pelo seu redor. Aspectos como classe social, grupo étnico, nacionalidade e contexto histórico influenciam no comportamento e, portanto, na formação de culturas juvenis com suas diversas especificidades.

Tendo em vista a diversidade de símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos entre os jovens, a juventude deve ser dita no plural. É importante ressaltar que “a juventude também é vivida diferentemente em cada um dos gêneros, mesmo quando se trata de um indivíduo de uma mesma classe ou estrato social, do mesmo ambiente urbano ou rural, etnia, etc.”¹²⁴.

Ganhando notoriedade na segunda metade do século XX e uma maior evidência no início do segundo milênio, os jovens de condição homossexual se apresentam como uma importante parcela dentro da categoria social de juventude.

Na década de 50 em meio à legislação dos Estados Unidos que proibia relações homossexuais e vedava o coito aos menores de dezoito anos, a pesquisa do estadunidense Albert Charles Kinsey surpreendeu a sociedade daquela época quando revelou que 13% das mulheres e 37% dos homens entrevistados relataram ter alguma experiência sexual com pessoas do mesmo sexo.¹²⁵

Embora tenha acontecido muitos avanços no que concerne à sexualidade humana, a homossexualidade só foi tirada da lista de doenças pela OMS em 1990. Um

¹²³ GROPPPO, Luiz Antônio. *Juventude – Ensaios sobre sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difei, 2000, p.8.

¹²⁴ Ibid, pg. 16.

¹²⁵ SENA, Tito. Os relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf> . Acesso em 17. jul.2015.

ano depois, a Anistia decretou a discriminação contra homossexuais uma violação dos direitos humanos.¹²⁶ No Brasil “desde o início da década de 1980, assistimos (...) a um fortalecimento da luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais”¹²⁷.

Tendo como marco a criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis em 1995, diversas entidades surgiram nos últimos anos para reivindicar direitos e respeito às pessoas não heterossexuais. Nesse contexto, destacam-se, também, ações de maior alcance midiático como as Paradas do orgulho LGBT realizadas em diversas cidades do país.

a) Homossexualidade e sistemas de poder (e segregação)

Os estudos sobre Relação de Poder é algo que está muito presente na academia contemporânea. Quando falamos de sistemas de poder e sexualidade alguns nomes são considerados destaques, um dos principais é Michel Foucault (1926-1984), que buscou verificar a radicalização do poder, ou tal como ele afirma (1979, p.182) captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício.

Na teoria Foucaultiana quando falamos de discursos de poder, estamos falando de um tripé que ele denomina como poder, direito e verdade, no sentido de que o poder é aplicado por meio de leis que obedecidas e realizadas se tornam as verdades, estas últimas, assumidas sem reflexão e consciência, pois são partes dos discursos estabelecidos e introjetadas de tal forma no sistema que fazem quase que uma simbiose em relação a ele. O autor defende essa teoria ao afirmar que “somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos

¹²⁶ KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interações, Número especial, p. 131. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21.jul. 2015.

¹²⁷ BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004..p. 15

de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la”. (Foucault, 1999, p.29)

Desenvolvendo as ideias de Foucault e assumindo outros elementos da psicanálise e das teorias feministas, complementa as teorias de poder, a filósofa estadunidense Judith Butler (1956-), para ela a materialidade do sexo acontece por meio da imposição de uma ideologia que é construída processualmente através das gerações e em constante dinâmica. Butler afirma que “o sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo”¹²⁸

Na concepção de Butler, as normas que forçam a materialidade do sexo são reguladas por aquilo que ela chama de heteronormatividade que para ela são ‘normas que têm a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que pode ser legitimamente considerado como um corpo viável.’¹²⁹

Não obstante, sendo o sexo uma construção social “forçada” por uma ideologia heteronormativa, aqueles que não se enquadram nesse “esquema”, ou seja, os indivíduos que fazem uma ruptura com esse construto social, são considerados corpos abjetos, deslocados da sociedade, da existência “natural”, do direito a ser humano.

Dessa maneira, Butler afirma que a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do humano. Para ela algumas afirmações, que também são reiteradas pelas autoridades da sociedade pautada pelas ciências, se inserem na linguagem e nas ideias de parentescos legitimando e reafirmando as normas estabelecidas. A autora oferece o seguinte exemplo “a interpelação médica (...) transforma uma criança, de um ser ‘neutro’ em um ‘ele ou em uma ela’. Nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero.”¹³⁰

¹²⁸ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 154.

¹²⁹ Ibid, p. 171.

¹³⁰ Ibid, p. 161.

Outra pesquisadora sobre sexualidade, Gayle Rubin (1949 –), afirma que a “sexualidade nas sociedades ocidentais tem sido estruturada dentro de enquadramentos sociais extremamente punitivos, e tem sido sujeita a controles formais e informais muito reais”¹³¹. Em seu texto “Pensamentos Sexuais”, Rubin afirma que há muitas ideologias de compreensão do pensamento sexual, uma delas é a chamada valorização hierárquica dos atos sexuais onde apresenta uma distinção entre o bom e o mau sexo.

Tendo como base sistemas de julgamento sexual como o religioso, o psicológico, o feminista, o socialista, entre outros, a valorização hierárquica dos atos sexuais define como bom sexo aquilo que é “normal, natural, saudável e seguro”, ou seja, os atos sexuais heterossexuais, realizados dentro de casa, em um casamento monogâmico e com fins reprodutivos. Por outro lado, o “mau sexo” é considerado anormal, não-natural, doentio e pecaminoso, nesse “grupo de indivíduos abjetos” estão os travestis, transexuais, fetichistas, sadomasoquistas, aqueles que fazem sexo por dinheiro ou com pessoas de outras gerações (pedofilia).

Nessa valorização hierárquica dos atos sexuais, a maioria dos casos de homossexualidade são colocados em uma área intermediária entre o bom e o mal sexo. No entanto, nesse “limbo” ou área de contestação, há uma subdivisão, em que aproxima-se do “sexo bom” os casais não-heterossexuais que realizam seus atos sexuais dentro de relações de longo prazo e o fazem em casa. Já homossexuais considerados promíscuos, como as chamadas “lésbicas de bar” ou “homens gays na sauna ou no parque” estão mais próximos do “mau sexo”.

As ideologias que definem a sexualidade humana a partir de matrizes heteronormativas fazem com que as pessoas que não se enquadram “positivamente” na hierarquia dos atos sexuais sejam consideradas inumanos, corpos abjetos, vergonha da humanidade e por isso devem ser eliminadas, excluídas, invisibilizadas.

Desta forma a própria sociedade torna-se aquela que vai “vigiar e punir” aqueles que não se enquadram nas matrizes estabelecidas, mesmo que isso aconteça de forma inconsciente. Assim, nesse ambiente de definição do que é bom ou mal, está presente a

¹³¹ RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo*: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_osexo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20.jan.2016.p. 14.

violência para os “diferentes” ou os “desertores da ordem social”, dando motivo e força para que a homofobia possa acontecer.

Portanto, podemos afirmar a homofobia, definida como “rejeição, aversão, medo ou ódio irracional a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade”¹³², como ato de violência, de extermínio, de destruição para aqueles que não se enquadraram nos sistemas e nas normas sexuais impostas pela sociedade majoritariamente heteronormativa com fortes influências de preconceitos machistas e excludentes.

b) Homofobia nas Instituições Sociais

Os jovens são um dos principais grupos prejudicados pela cultura homofóbica que faz uso da violência física, simbólica e/ou psicológica por meio de atos como xingar, ridicularizar, apelidar, excluir do grupo¹³³. Tendo em vista que a juventude é uma fase da vida onde se constrói de forma mais evidente a personalidade, as subjetividades e os vínculos de grupo. Ser vítima de discriminação, especialmente a sexual, pode influenciar negativamente na vida dos jovens e das jovens em todas as suas dimensões constitutivas.

Nesse contexto de violência, as instituições sociais aparecem como o principal palco para a prática da homofobia. Uma instituição social “é uma estrutura relativamente permanente e marcada por padrões de comportamentos delimitado por normas e valores específicos. Possui finalidades próprias e estrutura unificada”¹³⁴.

No arcabouço das instituições podemos classificar aquelas que são operativas como os órgãos públicos e aquelas que são regulativas, tais como a religião, a escola e a

¹³² KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interações, Número especial. p. 131. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21.jul. 2015.

¹³³ UNESCO. Resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013. Pg. 16. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

¹³⁴ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

família. Essas últimas, tem o objetivo de regular e controlar as normas e padrões dos comportamentos individuais e assim definir as características das sociedades.

Tendo em vista as teorias apresentadas por Foucault, Butler e Rubin onde a sociedade é pautada por uma matriz heteronormativa que classifica os atos sexuais em bons ou maus, eliminando aqueles que não se enquadram nessa perspectiva, podemos afirmar que a perpetuação, o controle e as punições para os “desertores” das normas sexuais são aplicados principalmente dentro dessas instituições formando uma grande rede de poder, uma ação em cadeia. Para Foucault (1979, p.183)

o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder, são sempre centros de sua transmissão.

Segundo a UNESCO, as escolas estão entre os espaços sociais mais homofóbicos que existem. No Brasil, “mais de 40% dos homens gays relataram ter sido agredidos fisicamente enquanto estavam na escola”¹³⁵. O chamado *bullying* homofóbico pode causar depressão, ansiedade, perda de confiança, retração, isolamento social, culpa e distúrbios do sono. A pesquisa revela que jovens vítimas de homofobia têm maior probabilidade de autflagelar-se, entrar num processo de depressão, fazer uso abusivo de drogas e álcool e pensar ou cometer suicídio.¹³⁶

A obra “Juventudes e sexualidade” que apresenta resultados e reflexões a partir de pesquisa feita em 2004 com jovens de todo o país mostra o panorama da homofobia nas escolas brasileiras. De acordo com o levantamento, cerca de ¼ dos alunos afirmam que não gostaria de ter um colega de classe que fosse homossexual, sendo que os percentuais extremos dessas respostas ficam, aproximadamente, entre 31%, em Fortaleza, e 23%, em Belém, representando em números absolutos 112.477 e 43.127, respectivamente.

¹³⁵ UNESCO. *Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico*. – Brasília: UNESCO, 2013. Pg. 16. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

¹³⁶ Ibid. p. 22

A pesquisa aponta que os homens, seguindo os paradigmas machistas e heteronormativos, são os que mais tem preconceito sobre o convívio com homossexuais, chegando a 45% em Vitória/ES. A homofobia entre os estudantes se dá principalmente de forma velada, por meio de referências preconceituosas que recorrem à linguagem pejorativa com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar.

Percebe-se que há uma falta de reflexão sobre gêneros e sexualidade nas instituições de ensino. Ainda é muito presente o binarismo (homem/mulher) apoiado na ideologia da heteronormatividade. Em muitas situações há a banalidade ou a “vista grossa” quando ocorrem fatos homofóbicos nas escolas “Muitos professores desempenham uma convivência não assumida com discriminações e preconceitos em relação a homossexuais, ao considerarem que expressões de conotação negativa em relação a esses seriam brincadeiras, coisas sem importância.”¹³⁷

Em um país de religião majoritariamente cristã¹³⁸ como é o caso do Brasil, pessoas homossexuais são vítimas de preconceitos e violências em igrejas protestantes e católicas. Observa-se com frequência comentários fundamentalistas nas Redes Sociais tanto de leigos quanto da hierarquia religiosa, sejam bispos, padres ou pastores.

A prática homofóbica pode estar presente nos próprios ritos religiosos, tais como pregações, homilias ou preces¹³⁹. Não obstante, a homofobia nas instituições religiosas pode acontecer de uma maneira mascarada e insidiosa. Muitas vezes, para amenizar a imagem homofóbica ou apresentar uma posição de suposta acolhida, algumas denominações incorporam as pessoas LGBT aos cultos e atividades pastorais.

No entanto, muitas vezes, essas iniciativas de acolhida disfarçam a chamada homofobia pastoral, que coloca as pessoas não-heterossexuais numa situação de inferioridade e pecado e que a partir do contato com os livros sagrados e com o “bom exemplo” dos líderes e demais membros da igreja, reestruturarão suas subjetividades e

¹³⁷ ABRAMOVAY, MIRIAM. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. pg. 289

¹³⁸ IBGE. *População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf> Acesso em: 16. jul. 2015.

¹³⁹ IHU. *Igreja tem prece contra ‘ofensiva homofóbica’*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543925-igreja-tem-prece-contra-ofensiva-homofobica->> . Acesso em: 16. jul. 2015.

poderão “curar a homossexualidade” havendo assim uma regeneração moral e uma suposta libertação associada a uma entidade espiritual maligna. Assim, ainda que não é dito com todas as palavras, o sistema de poder e assim, exclusão, é muito presente. Nesse sentido, Guacira Louro (2011, p.71), importante pesquisadora de gênero e poder no Brasil, nos ilumina com a seguinte afirmação.

a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utilizam esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados

No ambiente não-cristão, observa que países de regime de governo teocrático islâmico, muitas vezes tratam a homossexualidade com extrema repressão. Em muitos países do Oriente Médio e da África, ser homossexual ou expressar uma performance não-heterossexual pode ocasionar em ter membros amputados, ser apedrejado, estar sujeito a trabalhos forçados, à prisão perpétua e à pena de morte.

No que tange à instituição família, ainda verifica-se muitas resistências em relação à homossexualidade. Para Gustavo Bernardes, coordenador-geral de promoção dos direitos de LGBT da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, “existem muitas famílias que expulsam os filhos que se assumem homossexuais e existe ainda o entendimento errôneo de que homossexualidade e orientação sexual podem ser corrigidos por meio de agressões”¹⁴⁰.

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo¹⁴¹ realizada em 2014, 72% dos entrevistados afirmam uma percepção positiva em relação à existência de

¹⁴⁰WALTER, Bruna Maestrini. *Violência contra gays começa em casa*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/violencia-contra-gays-comeca-em-casa-27h630m9ljll6evmgo52ni3wu>>. Acesso em: 20.jan.2016.

¹⁴¹FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Diversidade sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Disponível em:

preconceito em relação às pessoas homossexuais. Em dados divulgados no Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil¹⁴², em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Houve um aumento de 166,09% de denúncias em relação ao ano anterior. Os números mostram que 61,16% das vítimas são jovens de 15 a 29 anos e quase 60% delas conheciam os violadores, sendo que 38,2% dos casos foram cometidos por algum familiar. A casa é o local de 38,63% das violações sendo que 25,54% foram realizadas na casa da própria vítima.

c) Na contramão da homofobia

Tendo em vista que as instituições tradicionais não atendem as necessidades e expectativas dos jovens homossexuais, observa-se que estes começam a criar grupos específicos com suas características próprias bem como passam a ocupar lugares constituídos para acolher esse público de forma um pouco digna possibilitando a convivência com seus pares.

São em bares, lojas e as chamadas baladas gays os espaços de lazer e de tempo livre que os jovens homossexuais, principalmente no ambiente urbano “constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam do denominado mundo adulto.”¹⁴³

O Brasil foi considerado pela consultora *Out New Global* como um mercado promissor no turismo LGBT devido ao crescimento de espaços chamados *Gay-Friendly* onde funcionários e lugares são formados para melhor atender ao público homossexual.¹⁴⁴

<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/PESQUISA_COMPLETA_Apres-LGBT-Total-mai09.pdf>. Acesso em 20. jan. 2016.

¹⁴² BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

¹⁴³ CARRANO, BRENNER, DAYRELL. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2005.p. 30.

¹⁴⁴ UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Espaços Gay-Friendly ajudam no crescimento do turismo LGBT no Brasil*. Disponível em: <http://cet.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2349:espacos-gay-friendly-ajudam-no-crescimento-do-turismo-lgbt-no-brasil&catid=34>. Acesso em: 23. jul. 2015.

Na contra mão do preconceito e da exclusão, nota-se que a temática LGBT tem sido um dos principais agendamentos da mídia, chamada por alguns autores como o quarto poder. No Brasil, observa-se nos meios de comunicação tradicionais uma maior existência de personagens não heterossexuais, todavia há muitos paradigmas e preconceitos que precisam ser quebrados¹⁴⁵.

Com o advento da internet, jovens homossexuais passaram a ter voz e a melhor expressar a sua forma de viver e reivindicar direitos. Muitos blogs e páginas nas redes sociais são visitados por milhares de internautas. Canais de vídeos on-line ganham destaques com produções feitas por homossexuais que abordam a temática da homossexualidade.

No tocante às políticas públicas para jovens homossexuais, o documento *Brasil sem Homofobia*, defende a realização de projetos de prevenção da homofobia nas escolas e de estudos e pesquisa na área de direitos e sobre a situação socioeconômica de adolescentes LGBT além de propor a capacitação de profissionais de casas de apoio e de abrigos para jovens em assuntos ligados a orientação sexual bem como o combate à discriminação e à violência contra jovens homossexuais.

Nos últimos anos debate-se no Congresso e no Senado a temática sobre a criminalização da homofobia no Brasil. Nesse contexto há um processo conturbado e moroso, tendo em vista as posições, principalmente de parlamentares ligados à chamada “bancada evangélica”, de modo que alguns projetos foram arquivados.

No entanto outras iniciativas têm sido debatidas nas plenárias públicas do país tal como o projeto 7582/2014 que tipifica crimes de ódio, preconceito e intolerância contra diferentes grupos incluindo entre eles as pessoas que possuem “atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero”¹⁴⁶

Considerações finais:

¹⁴⁵ LARRAT, Symmy. *O beijo gay e a regulação da mídia*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-beijo-gay-e-a-regulamentacao-da-midia-5903.html>>. Acesso em: 23.jul. 2015.

¹⁴⁶ ROSARIO, Maria. *Projeto de Lei 7582/2014*. Disponível em: <http://www.camaprojra.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1254961&filename=PL+7582/2014>. Acesso em: 20.jul. 2015.

O problema da homofobia reflete uma falha na constituição da sociedade que é pautada por paradigmas extremamente excludentes e arbitrários que define, aquilo que é humano e inumano baseando-se em normas construídas a partir de uma visão machista e heteronormativa.

Nesse escopo, as Instituições Tradicionais como escola, família e religião apresentam-se como os principais lugares de violência para com as pessoas não heterossexuais, perpetuando, muitas vezes de forma punitiva e violenta, a cultura da segregação, da barbárie e da falta de tolerância.

Como categoria social, a juventude não pode ficar desamparada e suas especificidades devem ser levadas em consideração na pesquisa acadêmica e nas propostas de políticas públicas que garantam os direitos da juventude não heterossexual vítimas do preconceito e da falta de informação.

Observa-se que a temática sobre juventude e homossexualidade apresenta muitos avanços mas também muitos desafios. Faz-se necessário estudos mais aprofundados sobre os diversos aspectos desse tópico seja econômico, cultural, sociológico e religioso. Desta maneira, novas formas ou reformas devem ser criadas e realizadas para que a marginalização e a violência não mais ocorra e a justiça e equidade sejam garantidas para todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY, Mirian. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <<http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/RELATORIO%20VIOLENCIA%20HOMOFOBICA%20ANO%202012.pdf>> Acesso em: 20. jan. 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARRANO, BRENNER, DAYRELL. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2005.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Diversidade sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/PESQUISA_COMPLETA_Apres-LGBT-Total-mai09.pdf>. Acesso em: 20. jan. 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GROPPO, Luiz Antônio. *Juventude – Ensaio sobre sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difei, 2000

IBGE. *População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em: 16. jul. 2015.

IHU. *Igreja tem prece contra 'ofensiva homofóbica'*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543925-igreja-tem-prece-contr-ofensiva-homofobica->>>. Acesso em: 16. jul. 2015.

KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interações, Número especial. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21. jul. 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

LARRAT, Symmy. *O beijo gay e a regulação da mídia*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-beijo-gay-e-a-regulamentacao-da-midia-5903.html>>. Acesso em: 23. jul. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSARIO, Maria. *Projeto de Lei 7582/2014*. Disponível em: <http://www.camaProjra.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1254961&filename=PL+7582/2014>. Acesso em: 20. jul. 2015.

RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_osexo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20.jan.2016.

SENA, Tito. Os relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normalização. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf>. Acesso em 17. jul.2015.

UNESCO. *Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico*. Brasília: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Espaços Gay-Friendly ajudam no crescimento do turismo LGBT no Brasil*. Disponível em: <http://cet.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2349:espacos-gay-friendly-ajudam-no-crescimento-do-turismo-lgbt-no-brasil&catid=34>. Acesso em: 23. jul. 2015.

WALTER, Bruna Maestrini. *Violência contra gays começa em casa*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/violencia-contragays-comeca-em-casa-27h630m9ljll6evmgo52ni3wu>>. Acesso em: 20.jan.2016.